

Moedas de D. Fernando I de Portugal (1367-1383) encontradas en Malhorca

J. A. P. GODINHO MIRANDA

Quando em Julho de 1969 cheguei pela primeira vez a Malhorca, dispus-me a visitar os comerciantes locais de numismática, mais por hábito do que na esperança de localizar alguma moeda portuguesa com um mínimo de interesse.

O resultado dos meus esforços não se fez esperar e começou a vir ter às minhas mãos, através de comerciantes de Palma e de Felanitx e de alguns coleccionadores locais com os quais entretanto fui estabelecendo contacto, um número razoável de peças medievais portuguesas, algumas delas bastante escassas, e todas de D. Fernando!

Tal facto, que a princípio apenas me surpreendeu agradavelmente, começou a intrigar-me pois nos três ou quatro anos que se seguiram sempre as minhas buscas foram coroadas de êxito e sempre as moedas eram exclusivamente de D. Fernando! Tinham ainda em comum entre si serem todas de bolhão. Peças duma maneira geral bastante bem conservadas: Barbudas e Meias Barbudas, Tornezes e Meios Tornezes.

Do meu falecido amigo, e esclarecido coleccionador, António Costa Gisbert, de Cala d'Or, consegui obter 4 Barbudas de Lisboa e 2 do Porto, uma Meia Barbuda de Lisboa e um Tornez de Escudo também de Lisboa. Recordava-se ele de, no final dos anos trinta, terem vindo trazer a seu pai um conjunto de cerca de 5 quilos de moedas medievais portuguesas quase todas bastante oxidadas e coladas entre si formando um bloco do qual ele conseguira separar as que lhe pareciam mais bonitas e, por se encontrarem no exterior do bloco, menos deterioradas. Todas as restantes foram então consideradas inaproveitáveis e... fundidas!

Através de Joan Cerdà, de Felanitx, consegui adquirir mais sete Barbudas e três meias barbudas de Lisboa, dois Tornezes de busto e um de cruz e um meio Tornez de cruz, todos da oficina de Lisboa.

No total adquiri, durante quatro anos, 23 moedas, todas de D. Fernando e dos tipos já referenciados, e tive conhecimento de um lote de mais treze

que entretanto foram vendidas por um comerciante de Palma para Madrid e aí imediatamente dispersas.

Se por um lado sabia já de relações económicas entre Portugal e Malhorca desde tempos recuados, causava-me agora estranheza o facto de aparecerem apenas moedas dum mesmo reinado —insisto, algumas delas hoje bastante raras em Portugal— quando da mesma época há ainda hoje quantidades abundantíssimas de moedas (caso do Bolhão de D. João I).

A curiosidade que me despertou o sucessivo «achado» destas peças, levou-me a tentar aprofundar o estudo das relações entre Portugal e Malhorca durante o reinado de D. Fernando.

É conhecido o facto de, por 1369, D. Fernando, no sentido de criar dificuldades ao Rei de Castela Henrique II, ter feito uma aliança com Pedro IV de Aragão comprometendo-se a manter em Aragão 1.500 lanças em pé de guerra contra Castela. Cumpriu a sua promessa enviando o dinheiro necessário para tal. As 1.500 lanças nunca entraram em guerra, mas o dinheiro enviado (em oiro) nunca voltou a Portugal... Talvez esse facto possa ajudar a justificar a alta raridade das moedas de oiro de D. Fernando, que Pedro IV teria mandado fundir para cunhar as suas próprias moedas...¹

Não me parece porém de admitir que D. Fernando tenha enviado também moedas de bolhão para transferir tão elevadas quantias! O pagamento fora enviado, mas em oiro. Não poderá portanto este facto estar relacionado com o aparecimento destas moedas em Malhorca.

Surgiu-me então um facto que, embora já não ocorrido durante o reinado de D. Fernando mas poucos anos depois do seu termo, me parece poderá constituir justificação plausível para os achados em questão.

Em 1391, reinando em Malhorca Joan I de Aragão, teve lugar o assalto ao Bairro Judeu de Palma —o Call— que foi saqueado e incendiado tendo sido degolados uns trezentos judeus. Os restantes salvaram a vida fugindo.

A economia da ilha ressentiu-se fortemente com estes acontecimentos pois uma boa parte do comércio exterior estava nas mãos de judeus. E assim que, pouco depois, se deslocam de Lisboa para Malhorca 150 judeus com a intenção de se ocuparem das actividades das vítimas de 1391. A este facto se refere uma carta de Joan I de Aragão datada de 15-3-1394 e dirigida ao Governador de Malhorca felicitando-o pelo bom acolhimento que aí lhes tinha dispensado, colocando-os sob a protecção dele e responsabilizando-o pela sua segurança.²

Naturalmente que estes judeus idos em 1394 de Portugal para Malhorca terão levado consigo o seu dinheiro.

Mas, ao pretender relacionar este facto com os actuais achados, necessário se torna uma explicação para ir encontrar moedas de D. Fernando e

1. A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO, *Descrição Geral e Historica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, Lisboa, 1874, vol. I, pp. 185 v 186.

2. F. SEVILLANO COLOM, *De Venecia a Flandes*. Carta en el Archivo Histórico de Mallorca. Guiatges, V, 69: «Lo Rey, Governador, entes havem que aquí en Mallorques han venguts de Portugal be cent sinquantu juheus, los quals son estats be per vos acullits e per la gent de la terra convinentment tractats, de que havem haut gran plaer. Per que us manem expressament quels dits juheus a tots altres que hi venguen mantengats e defensats axi com si eren christians. E per res per algun no soffirats de paraula ne de fet aquells altres o altres dells esser mal tractats. E fet los assignar sert loch convinent en la Ciutat, hon stien apartats. En altra manera certificam vos que si lo contrari ere fet en oualsevol manera seria imputat a culpa vostra. Datum Valencie a XV de mars, l'any de la nativitat de nostre Senyor MCCCXC quatre, Rex Johannes»

não de D. João I de Portugal que governava desde 1383.

Oiro de D. João I, se foi cunhado, é hoje completamente desconhecido. Prata foi batida em quantidades muito limitadas. O bolhão é sempre de liga baixa, tendo um péssimo aspecto e sendo por isso, com toda a certeza, mal aceite no estrangeiro.

Assim, parece-me de aceitar que, mesmo em 1394, a levar-se moeda de bolhão para fora de Portugal, seria mais lógico que se levassem das belas moedas de D. Fernando, com óptimo aspecto e mais fácil aceitação do que as moedas então cunhadas por D. João I. Provavelmente terão estes emigrantes levado também consigo alguma prata e oiro. Não tenho no entanto notícia de qualquer echado nestes metais, admitindo que entretanto estas peças, de bom toque, tenham sido fundidas para aproveitamento do metal.

<i>Tipo</i>	<i>Oficina monetaria</i>	<i>Peso (gramos)</i>	<i>Módulo (mm.)</i>	<i>Referencia (Ferraro Vaz)³</i>
1. Tornez de Cruz Lisboa		3,11	25,9	F.28
2. » » » »		2,84	26,4	F.28 var.
3. ½ Tornez de Cruz Lisboa		1,54	19,1	F.30A
4. Tornez de Busto Lisboa		3,68	26,4	F.25 var.
5. » » » »		3,64	27,0	F.25
6. Barbuda »		4,29	27,3	F.66 var.
7. » »		4,27	26,9	F.62
8. » »		4,17	26,6	F.62 var.
9. » »		4,22	27,1	F.62 var.
10. » »		4,05	26,6	F.62 var.
11. » »		4,38	26,9	F.64
12. » »		4,23	25,9	F.64 var.
13. » »		4,26	27,2	F.66
14. » »		4,09	26,5	F.66 var.
15. » »		4,07	26,2	F.66 var.
16. » »		4,18	26,0	F.66 var.
17. ½ Barbuda »		1,99	21,35	F.67
18. » »		2,06	21,50	F.65
19. » »		2,25	21,1	F.65 var.
20. » »		1,97	21,3	F.65 var.
21. » »		1,99	20,8	F.63 var.
22. Barbuda Porto		3,89	27,6	F.77 var.
23. » »		4,33	28,7	F.76

3. J. FERRARO VAS, *Livro das Moedas de Portugal*, Braga, 1969.



1



3



5



7



13



18



21



22



23

